

JORNALISMO TRANSMÍDIA NA AMAZÔNIA

Uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões (JENKINS, 2008, p. 135).

A história (transmidiática) do ano de 2018 recém começou, mas a **Aturá – Revista Pan-amazônica de Comunicação**, já tem algo de novo para comunicar. Além dos ajustes no calendário de publicações, (n.1 (2018) publicado em 01/01; n.2 (2018) a ser publicado em 01/05; e, n.3 (2018) a ser publicado em 01/09), que visam ajustá-la ao padrão internacional de publicações, informamos que periódico acaba de ser indexado pelo *Directory of Open Access Journals* (DOAJ). Isso habilita e reconhece o trabalho já desenvolvido pela equipe editorial, autores, coautores, leitores e demais colaboradores do projeto. Parabéns a todos os envolvidos!

O n.1 (2018) da **Aturá** também já faz história, pois é o primeiro número da Revista a apresentar os leitores (e a comunidade acadêmica em geral) com um Dossiê Temático: o Dossiê Jornalismo Transmídia na Amazônia.

O conceito de narrativa transmidiática (*Transmedia Storytelling*) foi proposto por Henry Jenkins (2003) e três anos mais tarde foi aperfeiçoado no seu livro *Cultura da Convergência*, publicado no Brasil em 2008. O termo transmídia (no Jornalismo e na

Amazônia) ainda gera controvérsias. Ele apareceu ligado ao marketing, mas trata agora de uma nova forma (ou de novas formas) de contar histórias (e estórias).

No Jornalismo (transmídia ou não) a história ainda é a parte principal (ao menos deveria ser). Mas hoje, ao contar histórias interligadas (possibilidade ampliada pela convergência de mídias) podemos abraçar os diferentes nuances e as complexidades que existem no mundo de qualquer história. Através de múltiplas formas e formatos, podemos engajar as diferentes públicos e oferecer múltiplas possibilidades de acesso aos conteúdos jornalísticos (via tablets, celulares, laptops, redes sociais, aplicativos etc.).

Nas matérias transmídia de nosso tempo as narrativa podem ser fragmentadas em múltiplas plataformas e, em conjunto, construir uma narrativa outra (coesa) que dê conta do complexo mundo de qualquer história. Tal construção narrativa objetiva aumentar o engajamento do público e usar a força das plataformas midiáticas atuais para maximizar a experiência dos usuários.

Com base na conceituação proposta por Jenkins, Scolari (2009) define Narrativa Transmídia como uma estrutura que se expande tanto em termos de linguagens (verbais, icônicas, textuais etc) quanto de mídias (televisão, rádio, celular, internet, jogos, quadrinhos etc). Dois anos mais tarde o autor destaca duas vertentes principais na discussão da narrativa transmídia: a) o foco nas histórias contadas por meio de vários meios e plataformas; e b) o mapeamento do papel dos prosumidores que colaboram na (re)construção do mundo narrativo (SCOLARI, 2011).

Assim, conforme os autores, a Narrativa Transmídia vai mais além, e não significa apenas contar uma história por meio de múltiplas plataformas de mídia. Ford (2006) recomenda foco sempre o foco nas histórias e não nas plataformas e considera as narrativas transmidiáticas como um fenômeno integrante de um processo maior de convergência das mídias e que tem a capacidade de afetar o tipo de jornalismo que se produz na atualidade.

Para Pernisa Júnior (2010) o Jornalismo Transmidiático como uma proposta conceitual, que deve ser vista a partir do ponto de vista da experimentação e não de uma realidade já consumada. Para ele o gênero reportagem seria o mais propício a conter partes da narrativa em outras mídias

Alzamora e Tércia (2012, p. 30) destacam, no entanto, que narrativa transmídia no jornalismo deve ser compreendida não apenas como um processo de produção e circulação de conteúdo informacional por meio do uso integrado de plataformas múltiplas, mas como uma forma inovadora de produção e circulação de conteúdo informacional.

Essa perspectiva pressupõe, portanto, não apenas complementaridade midiática, mas principalmente deslocamento das características tradicionalmente marcadas pelos ambientes midiáticos. Trata-se, portanto, de uma forma de informação jornalística que transita em uma zona de deslocamento midiático porque se constrói em um novo lugar.

Já para Martins (2015) presença da narrativa transmídia afeta os processos produtivos do jornalismo e favorece a hibridização de linguagens e a produção multiplataforma. Para ela, os processos produtivos jornalísticos vêm se metamorfoseando na chamada era digital exigindo o desenvolver de novas habilidades e a ampliação o domínio técnico em vistas da produção multiplataforma. Para nossa editora, o grande desafio do jornalismo contemporâneo vai além da produção de conteúdo multiplataforma e está nas relações desenvolvidas a partir da convergência.

Compreender as mudanças na práxis jornalística é, portanto, o caminho para melhor entender as apropriações, as construções de novas narrativas e as expressões de um jornalismo diferente, coletivo, plural e inesperado. É esse jornalismo, o jornalismo transmídia em sua versão mais original, que buscamos compreender melhor a partir da apresentação dos textos de nosso Dossiê Temático.

O Dossiê Temático **JORNALISMO TRANSMÍDIA** na Amazônia é composto por dez textos: **MÍDIA E MODERNIDADE EM MANAUS NO INÍCIO DO SÉCULO XX** de autoria de Luis Francisco Munaro; **TRANSCULTURA, UM ESPAÇO DA CULTURA UNDERGROUND NA MÍDIA**



HEGEMÔNICA NA ERA DAS REDES de autoria de Larissa de Moraes Ribeiro Mendes e Pamela Passos Mascarenhas; ENVIADESCER NO CIBERESPAÇO: LINN DA QUEBRADA E REPRESENTAÇÃO TRANS NO YOUTUBE de autoria de Luan Correia Cunha Santos e Yara Cinthya Walker da Silva; QUANDO A INFORMAÇÃO (CON)FUNDE-SE COM O ENTRETENIMENTO: A HIBRIDIZAÇÃO DE GÊNEROS NO TELEJORNAL de autoria de Vitor Belém; TELEJORNALISMO EM ANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO TELEVISIVO E MODO DE ENDEREÇAMENTO de autoria de Miche Negrini; MODELO DE NEGÓCIO DAS EMPRESAS DE MÉDIO PORTE NO PROCESSO DE CONVERGÊNCIA DO JORNALISMO IMPRESSO PARA O CIBERJORNALISMO de autoria de Angelo Sastre; SOMOS MIGRANTES: O USO DAS REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO MIDIÁTICA ALTERNATIVA SOBRE A MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM RORAIMA de autoria de Tainá Aragão e Vilso Junior Santi; RECEPÇÃO E SIGNIFICAÇÃO NO CIBERJORNALISMO: COMENTÁRIOS SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO VENEZUELANO NO PORTAL G1 RORAIMA de autoria de Bryan Chrystian Costa Araújo; HERMIONE E A CULTURA DA MÍDIA: GÊNERO E ETNIA EM HARRY POTTER E A CRIANÇA AMALDIÇOADA, de autoria de Níncia Borges Teixeira, Amanda Padilha Pieta e, O DESAFIO DO ENSINO DO CIBERJORNALISMO FRENTE ÀS MÍDIAS MÓVEIS, de Rose Mara Pinheiro.

E a seção **TEMAS LIVRES** que problematiza a Educomunicação em três artigos intitulados: HISTÓRICO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DAS LEIS DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO de autoria de Guery Tã Baúte e Silva, Vanessa Romancene Pereira Gomes, Gabriel Scoparo do Espírito Santo e Nelson Russo de Moraes; PROGRAMA PALMA: DISPOSITIVOS MÓVEIS E APLICATIVO COMO FERRAMENTA PARA ALFABETIZAÇÃO de autoria de Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini; e, HERÓIS E HEROÍNAS NO CIRCUM-RORAIMA: A TRANSPOSIÇÃO DE PERSONAGENS DAS TEXTUALIDADES DE ORIGEM INDÍGENA E AFRODESCENDENTE PARA OUTROS CAMPOS DISCURSIVOS NA VENEZUELA de autoria de Josias Marinho de Jesus Gomes.



Boa leitura!!!

Vilhena – RO, Boa Vista – RR, Palmas – TO, Belém – PA, Janeiro de 2018.

Editores Gerais / Chief Editor / Editor general

Sandro Colferai – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Brasil.

Vilso Junior Santi – Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil.

Francisco Gilson R. Porto Junior – Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

Elaide Martins – Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil.

Referências

ALZAMORA, Geane e TÁRCIA, Lorena. Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. **Braslian Journalism Research**. Volume 8 - Número 1-2012. p. 22-35.

FORD, Sam. The Emergence of Citizens' Media. In: Blog **Convergence Culture Consortium**, out. 2006. Disponível em: <<http://www.convergenceculture.org/weblog/transmedia/>> Acesso em: 10 dez. 2017.

JENKINS, Henry. Transmedia storytelling. Moving characters from books to films to videogames can make them stronger and more compelling. **Technology Review**, 15 jan. 2003. Disponível em: <http://www.technologyreview.com/biotech/13052>. Acesso em: 10 dez. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.



MARTINS, Elaide. Convergência e narrativa transmídia no jornalismo: transformação nas práticas e no perfil dos profissionais. **Braslian Journalism Research**. Volume 11 - Número 2- 2015. p.184-203.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Jornalismo Transmídia ou Multimídia? Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Caxias do Sul, RS, 2010. **Revista Interin**. v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://interin.utp.br/index.php/vol10/article/view/18>> Acesso em: 15 jul. 2011.

SCOLARI, Carlos A. **Transmedia Storytelling**: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding in Contemporary Media Production. *International Journal of Communication* 3, 2009.

SCOLARI, Carlos A. **Transmedia storytelling: más allá de la ficción**. 2011. Disponível em: <http://hipermediaciones.com/2011/04/10/transmedia-storytelling-mas-alla-de-la-ficcion/>. Acesso em: 14 jul. 2011.